

# ARTE

8.º ANNO

N.º 91

REDACTOR-CHEFE

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO

PROPRIETARIO, DIRECTOR E GRAVADOR

MARQUES ABREU

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DE S. LAZARO, 310—PORTO

PORTO—JULHO DE 1912

PREÇO 120 REIS



FRANK DICKSEE — O SYMBOLO

*Simili-gravura de Marques Abreu.*

## ARTE

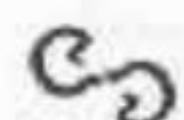
### O SYMBOLO

QUADRO DE FRANK DICKSEE

FRANK DICKSEE, um dos modernos artistas ingleses de accentuado temperamento, evidenciou-se muito novo, aos 20 annos, com a sua tela *Harmonia*, hoje pertencente á *Tate Gallery*. Foi eleito socio da Real Academia de Londres aos 26 annos de idade.

«O Symbolo», que em frontispicio apresentamos, significando o ardente empenho de restabelecer, como bom preraphaelita, o detalhismo dos primitivos, filia-se claramente no dogmatismo de Ruskin religiosamente praticado pelos seus mais illustres satellites, pintores originalissimos, entre os quaes se destaca o famoso Holman Hunt.

«*Is it nothing to you all ye that pass by*»: legenda sublime d'esta bella obra, producto d'um idealismo essencialmente britânico e, ao mesmo tempo, d'uma materialidade tangivel. Toda a sentimentalidade anglo-saxã se pôde resumir n'esta obra typica em que a ideia é estereographada por um analysta consciencioso, de faculdades technicas pouco vulgares.



### MUSEU REGIONAL DE AVEIRO

HA precisamente um anno que no antigo convento de Jesus, que já de si é um verdadeiro museu de arte, começou a reunir e dispor-se com caracter mais ou menos provisorio, tudo que ali e no das Carmelitas, havia de algum valor artistico, historico ou de simples curiosidade.

Isto que já era muito, e, com alguma coisa mais que veio da camara municipal, da extincta sé episcopal e das demolidas igrejas da Vera Cruz, Sé e S. João formou-se uma collecção valiosa e sobretudo muito interessante, de estatuas e baixos relevos em pedra e barro, quadros de assumptos religiosos, obras de talha, azulejos, paramentos, ourivesaria

do culto, codices, livros de côro iluminados, imagens antigas, variados tecidos, esculpturas em madeira e marfim, joias antigas, utensilios de metaes pobres, ceramicas, cadeiras, contadores, armarios, bufetes, etc., collecção esta que em alguns ramos pôde disputar primasias ás dos melhores museus do paiz.

Tudo isto, está distribuido o mais racionalmente possivel, pela galeria inferior do claustro do referido convento e diferentes gabinetes e salas, algumas das quaes são muito espaçosas. Na primeira d'estas encontram-se os barros. De todos o mais apreciavel, pela sua grande beleza, technica e estado de conservação é o grupo da Virgem, S. José e o Menino Jesus, altura 0<sup>m</sup>,85; 0<sup>m</sup>,53; 0<sup>m</sup>,90; trabalho de um ceramista insigne, talvez Machado de Castro.

Na sala contigua agrupam-se os trabalhos de talha e esculptura em madeira. São na sua grande maioria primorosos. N'um grande esca-



MARQUES GOMES

*Simili-gravura de Marques Abreu*



MUSEU DE AVEIRO - Sala das talhas

*Simili-gravura de Marques Abreu*

parate encontra-se reunida uma bôa collecção cerâmica.

Apezar de pouco numerosa, a galeria dos quadros, é de valor. Tem uma collecção muito interessante de pinturas em taboa, quintentistas. Pertencem a esta serie o pequeno tryptico, o Ecce Homo e o S. João Evangelista que a «Arte» reproduz. N'aquelle ultimo prodomina grandemente a influencia da escola flamenga.

Não é de somenos importancia a collecção de armação e indumentaria ecclesiastica. Ha n'ella exemplares riquissimos, trabalhos de labor dos seculos XVI e XVII que difficilmente se encontrarão melhores em Portugal. Dos frontaes expostos, faz parte o que a gravura representa.

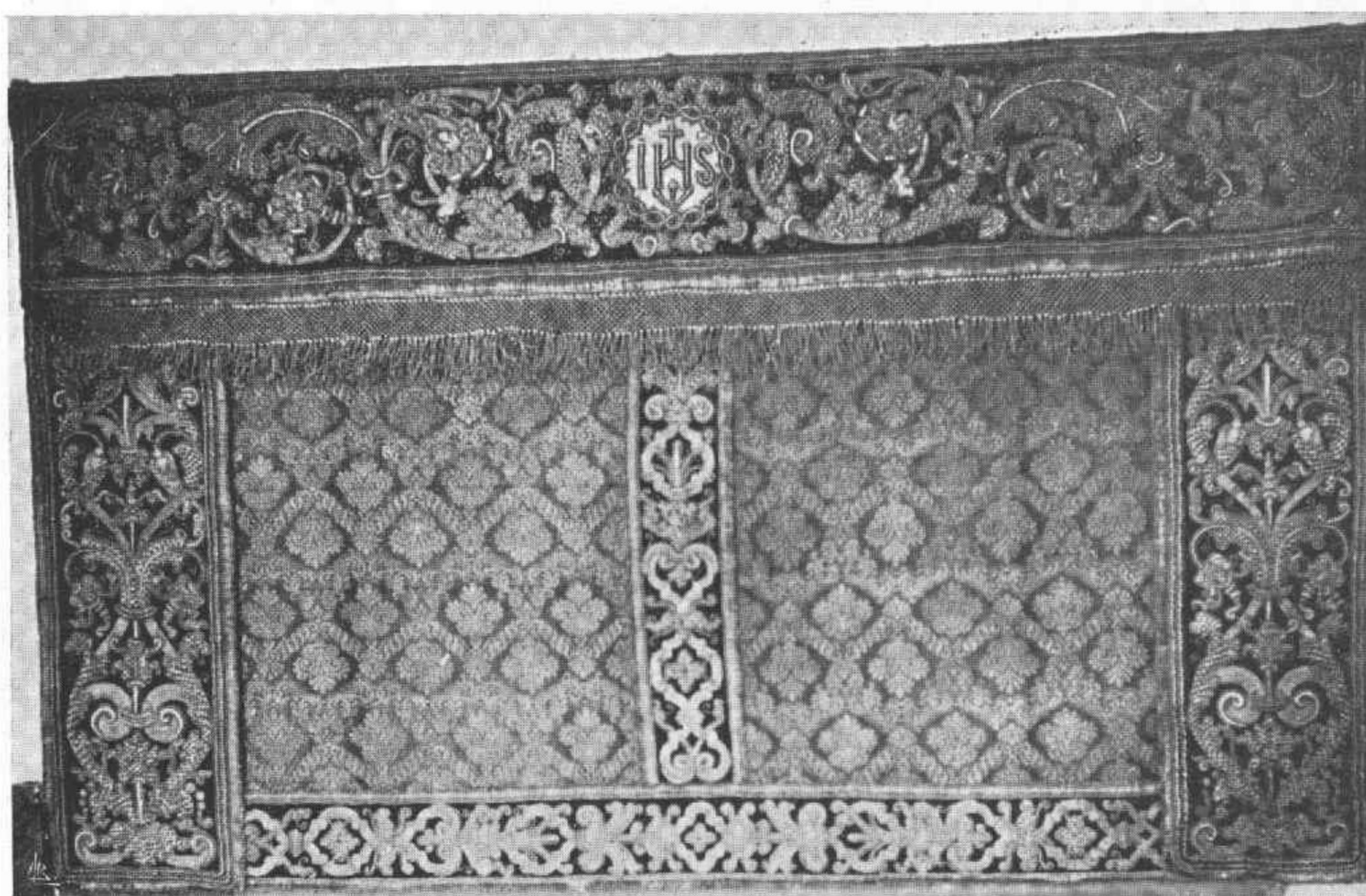
Da ourivesaria sacra, de que o novo museu possui importantes exemplares, reproduz tambem a

«Arte» um par de galletas de crystal e prata com o prato correspondente de prata dourada, seculo XVIII, e, uma custodia igualmente de prata dourada, da mesma epocha.

MARQUES GOMES.



MUSEU DE AVEIRO—Par de galletas de cristal e prata. Seculo XVIII



MUSEU DE AVEIRO — Frontal de brocado e fexas de veludo bordado a oiro. Seculo XVI

Simili-gravura de Marques Abreu

intelligencia da reconstrucção da obra. Compunha-se o cofre de uma caixa quadrada, coberta com uma pyramide truncada, cujas arestas eram bordadas de trifolios, substituindo a flôr de liz, que se encontra no mesmo logar nos cofres do seculo XIV. O trifolio não está bem caracterizado no desenho original; parece representar a folha de carvalho estylisada; em todo o caso é de folha de carvalho, claramente accentuada, a ornamentação da volta do arco no compartimento central. Na base vê-se a folha de acanθο sufficientemente clara. As molduras dos cinco quadros ou compartimentos, em que se

## O COFRE DE SÃO PANTALEÃO

### ROUBADO DA SÉ DO PORTO

DAMIÃO de GOES diz na *Chronica de El-Rei D. Manoel* que este monarcha mandára executar o monumento de S. Pantaleão, segundo o debuxo que deixára D. João II. Por outras noticias curiosas que temos reunido sobre este assumpto, e que foram tiradas de varios escriptores antigos, impressos e ineditos, parece que D. João II já começára a joia, e que o seu successor apenas a acabára com pouca obra. Esta opinião será a mais provavel, porque, olhando para o desenho (completamente inedito, que hoje se publica pela primeira vez) vê-se que as armas de ambos os principes ornarn a face principal. E' bem o pelicano de D. João II, alimentando os filhos com o proprio sangue, o formoso emblema do Principe perfeito; falta-lhe só aquella divisa não menos formosa que dizia, em portuguez antigo: *Pola ley e pola grey*, e segundo outros *justus ut palma florebit* (D. Caetano de Souza *Hist. geneal.*) E *pola grey* morreu em 1495, no Algarve, envenenado, segundo diz Damião de Goes, que não sabia encobrir miserias nem infamias, quando lhe punham na mão a penna do historiador.

O Cofre não figurou na Exposição de arte ornamental. Roubaram-n'o da cathedral do Porto, para onde foi doado, durante os ultimos periodos da guerra civil. Escapou aos francezes, mas não aos nacionaes. Um antiquario local, curioso e amador sincero das nossas cousas, membro da familia *Gandra* do Porto, bom nome e bem soante na cidade do trabalho, um amador d'essa illustrada familia salvou a memoria da reliquia em um desenho fiel, executado á penna. Pessoas que se lembravam ainda do original, immediatamente o reconheceram. A pequena planta, ao lado, é conjectural, e foi ideada pelo autor d'esta noticia para ajudar a



MUSEU DE AVEIRO—Custodia de prata dourada. Seculo XVII

divide a face principal do cofre, parece que tinham também ornamentação vegetal, provavelmente o lavor de *troços d'arvore* (branches écotées — Astwerk) tão usado na ourivesaria peninsular do século XV; *troços d'arvore*, ou *paus de troços encadeados* são termos que apparecem frequentes vezes nos documentos hespanhoes e portuguezes da época citada, e ainda no reinado de D. Manoel. E' o lavor que se acha tão caracteristicamente representado na celebre portada da sacristia do mosteiro de Alcobaça (1).

As maçanetas que ornarn as voltas do arco abatido, (linhel quasi horizontal) são cardos, um elemento muito característico da flora ornamental do fim do século XV até cerca de 1520; é o cardo, aqui symbolo do martyrio, porque ainda tinha outras significações; o fundo, por detraz dos cardos (quadro 1-2; 4-5) seria esmaltado, com alguns toques de buril, para fixar a massa, talvez esmalte translucido, a especie que mais agradou na península, além do esmalte incrustado, *champievé*. Seria ainda ornada a buril e esmaltada a coberta do cofre.

As flôres eram muito provavelmente *bemmequeres*, ligados em cadeia por botões de esmalte, formando um tapete polychromico de delicado effeito.

Dous anjos fundidos á parte, acabados a buril e esmaltados, estavam de guarda ás sagradas reliquias do Santo.

Esta mistura da flora tradicional da arte antiga, e da do Renascimento, e sobretudo o *grau de estylisação* de uma e outra, marcam ao cofre a época de 1490-1500; a tradição, as noticias manuscriptas e impressas confirmam esta classificação, como veremos.

Na Exposição ha um cofre pertencente á familia Palmella, (Sala D), que faz lembrar o cofre do Porto, pela sua estrutura, pela sua ornamentação, sobretudo pelo grau de estylisação dos seus elementos vegetaes.

E' o mesmo compromisso na escolha de elementos decorativos, aliás discordantes, marcando a mesma época citada, fins do sec. XV.



MUSEU DE AVEIRO — Grupo em barro attribuido a Machado de Castro

*Simili-gravura de Marques Abreu*

E' sabido que S. Pantaleão soffreu tratos crudelissimos. A longa historia do seu martyrio póde ler-se em qualquer dos grandes hagiographos (Baronio, Ribadeneyra, etc.). O nosso Cardoso (*Agiologio*, vol. IV p. 321) dedica-lhe um extenso artigo sob a rubrica 27 de julho. Resumiremos apenas os factos mais importantes. São Pantaleão nasceu na cidade de Nicomedia sob o imperio de Maximiano; a sua profissão era a de medico. Convertido ao christianismo, começou a fazer curas milagrosas que excitaram a inveja dos collegas da cidade. Accusaram-n'o de sortilegios e elle, em resposta, cura um paralytico, abandonado pela sciencia, com a simples invocação do nome de Jesus. Começou então o martyrio; lançaram-no ao mar, e depois ás feras, mas o mar devolve o corpo vivo, e as feras prostram-se a seus pés; os outros sup-

(1) Outras portadas semelhantes em Evora, Villa-Viçosa e Thomar.



MUSEU DE AVEIRO — S. João Evangelista, pintura em taboa do princípio do século XVI

Simili-gravura de Marques Abreu

plicios das unhas de ferro, das tochas ardentes, o martyrio da roda não deram melhor resultado. A final ataram-n'o a uma oliveira para o degolarem: «Animando finalmente elle mesmo os algozes, que já temiam executar a sentença, lhe foi cortada a cabeça, da qual sahiu em logar de sangue, leite; e a oliveira se viu carregada de sezonados frutos. O corpo foi enterrado porque não o poderam queimar, nem mesmo depois de morto». (*Agiologio*).

Conta a legenda mais, que sendo tomada Constantinopla pelos infieis, foi o corpo do Santo trazido pelo mar ao Porto, á igreja de S. Pedro de Miragaya por varios *christãos gregos*, que pegaram no sepulchro de pedra em que o martyr jazia e o metteram em um navio «e junto a ella (a S. Pedro) fizeram uma rua, em que moravão, e vivião servindo ao Santo, que ainda hoje (1742) se chama a *Rua dos Armenios*.» (Catal. dos Bispos do Porto. Porto, 1742 Parte II pag 182, por D. Rodrigo da Cunha). Uma parte da cabeça do Santo

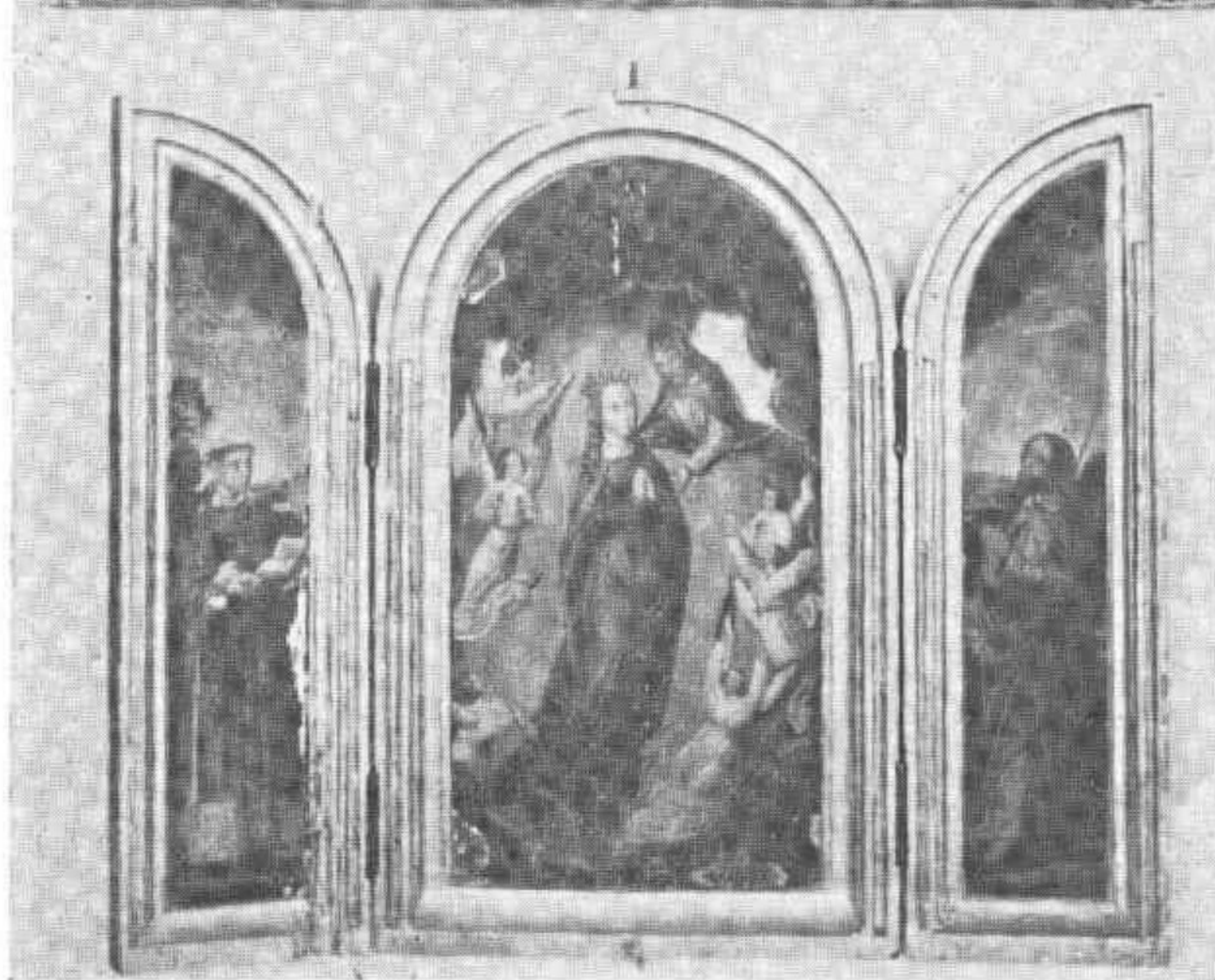
tinha antes d'isso ido para Africa, e outra parte para França no século IX, havendo sido a reliquia principal transportada de Nicomedia para Byzancio, e collocada no logar chamado Concordia, onde lhe foi edificado um templo, que o imperador Justiniano reedificou. O corpo do martyr pouco tempo esteve em S. Pedro de Miragaya (36 annos), porque em 1499 o trasladou o Bispo D. Diogo de Sousa para a Sé «no proprio sepulchro em que vierão (as reliquias), que hoje serve de altar na Capella do Santissimo Sacramento, e se meterão em huma arca chapada de laminas de prata, que El-Rey D. João o segundo mandou em seu testamento se fizesse, para deposito das sagradas reliquias»... «a qual arca vindo El-Rey D. Manoel em romaria a Sant'Iago de Galliza, passando por esta cidade no fim do anno de 1502 mandou se fizesse, e *acabasse*, no modo que El-Rey D. João tinha ordenado» (op. cit.) Os de Miragaya fizeram opposição, debalde; o poderoso prelado apenas lhes deixou, como consolção, um braço do Santo. A festa de São Pantaleão era uma das mais brilhantes do Porto, por ser a do Padroeiro da cidade, a qual tivera antes d'isso por patrono a São Vicente, «pelo ser da cidade de Lisboa, cabeça do Reyno, e por gozar de huma grãde reli-

quia deste sãto». (op. cit.). A festa fazia-se com officio duplex, de primeira classe com oitava, e chamava innumerous fieis da cidade e arredores.

Hoje já ninguem se lembra no Porto de São Pantaleão, do padroeiro da cidade! O cofre foi roubado da Sé por desleixo dos proprios ecclesiasticos que o deviam guardar.

O cofre estava junto ao retabulo da capella-mór, em sitio bem visivel. E' escusado dizer que nem o prelado do Porto, nem o cabido se importaram mais com a memoria do santo, nem com o legado e a ordem expressa do bispo D. Diogo de Sousa, que ordenou ao seu cabido «que se solemnizasse, e festejasse todos os annos este dia da transladação do Santo (12 de Dezembro) e se rezasse delle, como de festa duplex».

O leitor terá agora decifrado os assumptos que o cofre representa: o martyrio sobre a oliveira; a cura do paralytico,



MUSEU DE AVEIRO — Ecce Homo, Tryptico e Assumpção de Nossa Senhora.

Pinturas em madeira do século XVI

perante os doutores pagãos, (por cima uma conversão?) o navio grego que trouxe as reliquias a Miragaya, o pelicano de D. João II, e as armas reais de D. Manoel (com 13 castellos por engano). Já dissemos que os cardos, que rematam os quadros, são symbolos do martyrio.

Até aqui a nota escripta em 1882.

.....

Tenho de fazer ainda um aditamento historico e algumas erratas importantes.

Primeiro aditamento:

O cofre foi roubado da Sé do Porto em 1843, no dia immediato ao da ultima festa do santo, 13 de dezembro, com inaudito descaramento; e ainda hoje não morreram todos os que participaram na execução d'esta proeza. A responsabilidade do cabido de então, incluindo a do proprio prelado, que devia fazer luz n'esta questão, porque podia e devia saber achar os culpados, é evidente depois das ultimas informações que colhi (1).

No testamento de D. João II acha-se a seguinte nota:

*Item.* «Desejo que se continue com o tumulo de São Pantaleão, no Porto, segundo os desenhos que estão em poder dos conegos da cathedral. A minha tenção é que o tumulo tenha 5 a 7 palmos de comprimento por 3 1/2 a 4 de altura. A prata deve ser applicada sobre madeira, ou pedra, com betume pelo lado de dentro, e deve representar o martyrio e os soffrimentos do santo, do modo que fôr mais conveniente, dispostas as scenas á volta do tumulo, do lado que é exposto á vista, porque da banda do muro não hade ter nem aberturas, nem imagens».

No mesmo documento, recommenda, mais adiante, que se faça uma outra obra a Santo Antonio, segundo um papel que tem Pantaleão Dias, e d'accordo com as indicações feitas ao thesoureiro Affonso Fernandes. A obra era um oratorio, que devia ser levantado na propria casa em que nascera o santo; o seu custo estava avaliado em 1:000 justos de ouro, somma consideravel para aquelle tempo. Pantaleão Dias era o architecto de D. João II e tinha feito, segundo diz o mesmo testamento, o desenho para a capella de Nossa Senhora do Monte em Almeirim, avaliada em 150\$000 réis. O Conde de

(1) A theoria usada n'estes casos é a seguinte: não trazer o processo á luz, para evitar o escandalo; o que está feito não tem remedio, paciencia, etc. Depois a questão esquece, e só torna a lembrar quando os ladrões, animados por esta singular *theoria de evitar escandalos*, praticam um novo roubo, ainda maior, porque contam com a impunidade. D'este modo tem-se roubado, corajosamente, n'estes ultimos quarenta annos, desde o caso de São Pantaleão. Abafa-se tudo, como se abafaram ainda ha pouco os roubos no mosteiro de Lorvão. Não se quer gente que faça escandalos, denunciando o crime, mas vivam os ladrões!



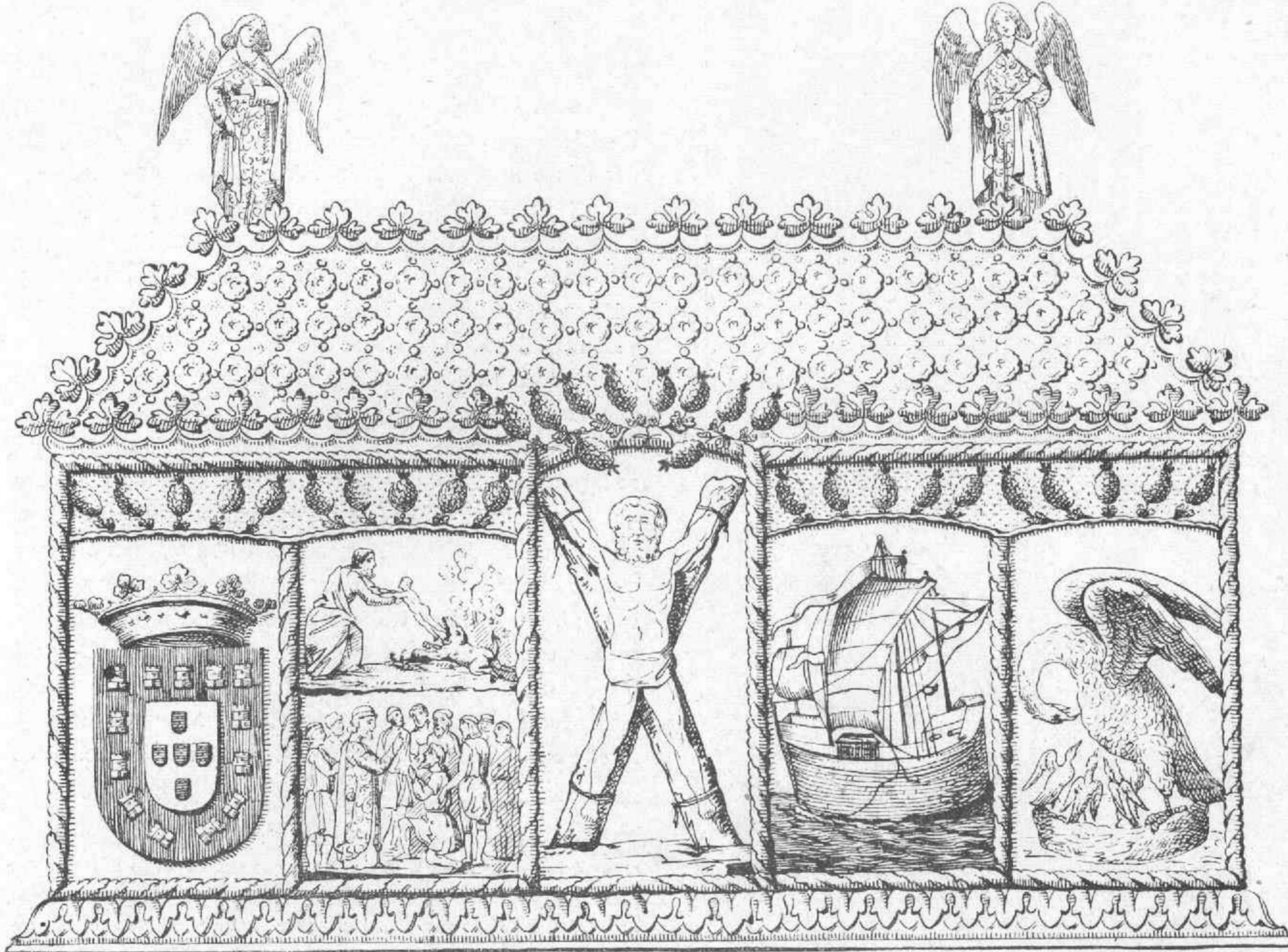
MUSEU DE AVEIRO — Cofre de prata com o habito dominico e rosario da princesa Santa Joanna

## ARTE

Raczynski diz positivamente (*Les Arts* pag. 333 e *Diction.* pag. 71) que Pantaleão Dias fôra o auctor do desenho do cofre de São Pantaleão, citando o testamento de D. João II, mas a passagem d'este documento, que o conde transcreve (*Les Arts* p. 219) e nós traduzimos, não o dá a entender tão claramente, porque, citando os desenhos, apenas diz que elles

estão em poder dos conegos da cathedral. E' possível, contudo, que fosse elle o desenhador; a coincidência do nome Pantaleão seria uma distincção concedida ao artista por haver honrado o Santo?

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.



O COFRE DE S. PANTALEÃO

### MARQUES GOMES

Ao illustre escriptor, nosso collaborador distinctissimo, a nossa saudação calorosa pelos seus assiduos esforços a favor da arte e da archeologia nacionaes.

Marques Gomes, um portuguez providencial, tratando-se principalmente do nosso espolio artistico, infelizmente reduzido, pela ganancia

d'uns e pela ignorancia de muitos, conseguiu n'um labor árduo, mas sem desfallecimentos, organizar uma valiosa collecção d'arte retrospectiva, regional, na cidade d'Aveiro, seu berço, por fórma que muito releva e perpetúa a sua nobre figura de extraordinarias faculdades de espirito e de coração.

D'este modo, muito singelamente, testemunhamos ao erudito homem de letras e critico d'arte a nossa veneração e o nosso entusiasmo.

## ARTE

Redacção e Administração

Rua de S. Lazaro, 310

PORTO

"A ARTE" é uma publicação mensal destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia, e um orgão profissional destinado a acompanhar os progressos dos diferentes processos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos e da composição e impressão typographica em Portugal.

### Preço da assignatura

PAGAMENTO ADEANTADO

Anno — Estrangeiro (pelo correio) . . . . .	1\$700
Anno — Provincias (pelo correio) . . . . .	1\$560
Anno — Porto . . . . .	1\$440
Avulso . . . . .	120

O minimo praso d'assignatura é por um anno

A assignatura póde ser feita em qualquer epocha do anno, sendo desde logo enviados ao assignante todos os numeros que se tiverem publicado no anno em que fôr tomada a assignatura. Envia-se specimens a quem os requisitar.

**COLLECÇÕES (1904 a 1911) quasi esgotadas.**